

A representação do eu na poesia florbiana

Marly Catarina Soares

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

Este estudo apresenta uma análise de alguns poemas de Florbela Espanca que têm como temática o entendimento do Eu. Não são raros os poemas em que Florbela Espanca questiona o ser Eu, independente de todo e qualquer rótulo social e cultural que a poetisa tenha recebido. A representação do Eu na poesia florbiana é recoberta por uma aura de complexidade que não se deixa entrever. O ser enquanto sujeito, indivíduo, parece ser o centro das preocupações dela nos poemas que se inscrevem nessa temática. Para se compreender como sujeito, o eu busca elementos de construção na história, no mundo da imaginação e da fantasia, no encontro com o Outro.

Introdução

Florbela Espanca, poetisa portuguesa, passou pela vida e pela sociedade literária portuguesa rápida e velozmente. Apesar de sua passagem transitória pela vida, Florbela, em seus escritos, teve a ousadia de mostrar-se como mulher que conclama o direito de sentir e dar prazer (Branco, 2004: 112), embora essa ousadia tenha sido publicamente reconhecida muitos anos depois (Alonso, 1997: 33). Em seus versos, Florbela deu várias imagens de si, por vezes diametralmente opostas. Subjacente a todas as imagens está o problema da identidade feminina. (Alonso 1997: 199) A cada poema escrito e a cada livro finalizado um pouco mais de Florbela se revelava ao mundo. Embora existam muitos estudos que procuram dar conta de sua biografia, uma questão, ainda, fica sem resposta: quem é Florbela pelas suas próprias palavras, e a essa questão, possivelmente, seus escritos podem responder. O objetivo deste artigo é traçar, mesmo que minimamente, um perfil da poetisa.

O foco da análise é buscar nos poemas elementos que revelem, ou mesmo desvelem seus sentimentos mais profundos com relação a ser uma mulher que viveu numa sociedade repressora, teve coragem de romper com os padrões dominantes para a época e ousou erotizar a linguagem sem medo de ser chamada de obscena.

No livro *Charneca em Flor*, assim como no *Livro de Mágoas* e no *Livro de Sórora Saudade*, não são raros os poemas em que Florbela questiona o ser Eu, independente de todo e qualquer rótulo social e cultural que, porventura, tenha recebido. A constituição do Eu, do sujeito, parece ter sido o centro das preocupações dela nos poemas que se inscrevem nessa temática. A seguir apresento a análise de dois poemas que possuem o mesmo título –“Eu”– mas que foram escritos e publicados em épocas diferentes. O primeiro está no livro “Charneca em flor”, publicado em 1931 e o segundo está no livro de Mágoas de 1919. São poemas que abordam o tema da construção da subjetividade.

O outro como espelhamento do Eu

No primeiro poema, o processo do autoconhecimento é dificultado à medida que haja obstáculos não solucionáveis que a própria razão humana desconheça. Para esse processo se realizar vale buscar caminhos os mais variados possíveis. Entretanto, corre-se o risco de nenhum deles

oferecer uma resposta satisfatória que defina com certa objetividade a célebre pergunta: “Quem sou eu”. Disso resulta uma autodefinição da identidade que oscila entre a materialidade e a espiritualidade, compondo assim uma identidade indefinida. Em um dos poemas com o título “Eu”, analisado a seguir, o ato de conhecer-se não oferece grande dificuldade quando passado e presente se distinguem um do outro. No passado há uma quase certeza de domínio do Eu e no presente essa certeza parece se extinguir. Para conhecer o Eu do presente é preciso se reconhecer no Outro. Este último deve servir como espelho do Eu. Nesse caso, encontrar a pessoa amada é um caminho para o autoconhecimento.

Até agora eu não me conhecia,
Julgava que era Eu e eu não era
Aquela que em meus versos descrevera
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia
E, mesmo que o soubesse, o não dissera...
Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... E não me via!

Andava a procurar-me – pobre louca! –
E achei o meu olhar no teu olhar
E a minha boca sobre tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
É a chama da tua alma a esbrasear
As apagadas cinzas da minha alma! (Espanca 1996: 215)

Há, no poema, dois eus, colocados em dois planos distintos: do passado –eu– e do presente –EU. A expressão “até agora” tem a função de fronteira divisória que os separa. No passado, a comparação –“tão clara como a fonte e como o dia”– revela um provável domínio do Eu. Observa-se uma certa ilusão de que nada existia que pudesse ensombrar esse eu tão claro que se deixava ver com nitidez. Essa transparência está, também, na composição sonora da primeira estrofe quando o eu lírico se reporta ao passado. Vê-se pelas vogais abertas, pela incidência das consoantes – líquida e vibrante –, além de conferirem um abrandamento das nasais e sibilantes que aparecem na estrofe, proporcionam uma fluidez, um deslizamento, uma compreensão clara desse eu do passado.

Nas estrofes posteriores, a frequência dessas vogais e consoantes diminui gradativamente dando lugar a um fechamento proporcionado pela aparecimento das vogais nasais e da sibilante. O aspecto sonoro, incluindo o esquema rítmico e a repetição sonora de vogais e consoantes das duas primeiras estrofes, juntamente com os verbos flexionados no passado, suscitam a ideia de que, se o eu é tão claro, transparente, pode ser o eu da exterioridade e que o eu lírico pensava ser de seu domínio. Num primeiro momento pensava-se existir um Eu constituído, que poderia dar uma certa consciência de identidade, de ser sujeito que ocupa um espaço social e tem domínio sobre si: “julgava que era Eu e eu não era”, entretanto tudo isso se dissolve. Há, então, a desconstituição do eu do passado. Quando se percebe que existe um eu desconstituído, desconstruído, o resultado disso é o aparecimento de um Eu em busca de caminhos para se reconhecer como tal.

No poema, a procura desse Eu desconhecido, passa pelo encontro com o Outro através das metonímias – teu olhar – tua boca, como forma de preenchimento do vazio ocasionado pelo autodesconhecimento que leva a uma sensação de ausência, ou ainda, de falta: “E achei o meu olhar no teu olhar, / E a minha boca sobre tua boca!”. A imagem refletida no olhar do Outro sugere,

alem de um encontro amoroso, o despertar de um Eu narcisista¹. (Régio 1982: 11-12) O reflexo da própria imagem no outro pode ser uma forma do Eu revelar-se ou mesmo se conhecer. O processo de conhecer-se passa, então, pelo encontro do “meu olhar” refletido no olhar do Outro, uma vez que o conhecimento do mundo se dá, na maioria das vezes, através das imagens captadas pelo olhar. Não se tem aqui uma busca desesperada pelo Outro, ou alguém a quem se possa amar. Tem-se uma necessidade urgente de encontrar-se com a intenção de se conhecer, mesmo que seja através do Outro. No processo de autoconhecer-se é facultado utilizar outros sentidos que não só da visão: “E a minha boca sobre a tua boca”. O contato íntimo entre o Eu e o Outro deste verso pode ser entendido como o despertar do desejo que é, de certa forma, descobrir-se como sujeito, é encontrar o Eu: “Andava a procurar-me –pobre louca– / E achei o meu olhar no teu olhar” pode representar o despertar do erotismo que se constituiria em uma forma de conhecer o Eu para recuperar o seu domínio. O Outro tem o potencial de levar o Eu a descobrir-se e a conhecer-se.

O conhecimento pretendido não é apenas do corpo, mas o conhecimento pleno de alma e corpo. O eu reduzido a “apagadas cinzas da minha alma” recupera-se no verso “na chama da tua alma a esbrasear” e transforma-se em Eu. A alma do Outro tem o poder da Fênix, pois faz renascer o que já estava aniquilado: a vida renasce das cinzas. O poder criador ou recriador da metáfora – “chama da tua alma a esbrasear”, reconstrói um novo Eu submerso na metáfora – “as apagadas cinzas da minha alma”. O verso “Esta ânsia de viver, que nada acalma” sugere a insaciabilidade já detectada por José Régio. O autor reconhece, no decorrer da obra poética de Florbela, uma inquietação, uma insatisfação se manifestar como irremediáveis. A isso ele chama de insaciabilidade. Segundo suas palavras:

A princípio, ou de longe em longe através de toda a sua obra, decerto ainda alvorecem os sonhos e as expectativas, ou chispam as rubras horas de sensualidade feliz, ou resplandecem momentos oásis de orgulhosa plenitude. Muito poderosos (ou muito violentos) são os instintos pagãos de Florbela. Ainda bem que se não temeu ela de os cantar em versos de admirável beleza! No fim e ao cabo, porém, todos esses ímpetos e satisfações não duram senão o instante que lhes coube. O que lhe a ela cabe, como coisa própria sua, é a insatisfação; a sua insaciabilidade; a ansiedade (Régio, 1982: 19).

Lúcia Castello Branco (2004) identifica uma impossibilidade de consumação do desejo de completude na poética de Florbela que será marcada pela busca insaciável de algo, além do momento fugaz do gozo erótico. (Branco, 2004: 101 A insaciabilidade e a ansiedade de viver, de certa forma, são estimuladas pela “chama da tua alma”. Neste verso, a alma do Outro é a força incandescente da alma do Eu, é a vida que se renova, que nasce das cinzas. O estabelecimento do Eu enquanto sujeito tem como condição o encontro com o Outro. Este seria, assim, o prolongamento do Eu e isso pode resultar no apagamento de fronteiras que definem o Eu e o Outro.

A invisibilidade do “Eu”

A análise do poema “Eu”, do “Livro de Mágoas”, mostra que o ato de conhecer-se não sofre nenhum impedimento por quaisquer obstáculos, ou seja, o eu lírico não tem dúvida alguma de quem ele é. Em outros poemas florbelianos, o processo do autoconhecimento sofre oscilações entre o fechamento e a abertura, entre a dúvida e a certeza, entre o Eu do passado e o Eu do presente. Ora os elementos negativos predominam nos poemas, ora se suavizam com a presença de metáforas, e a inconstância sonora. No poema analisado a seguir a negação é o que predomina na constituição do sujeito.

1 José Régio identifica um misto de capricho literário e intuição profunda que de certo modo aponta o narcisismo na obra de Florbela. Segundo o autor, em vários passos ou aspectos de sua obra se afirma esse narcisismo. O autor não se sabe dizer se o narcisismo, que pode andar aliado ao donjuanismo, é uma tendência caracterizadamente feminina. Ele suspeita que antes caracterize uma espécie de hermafroditismo psicológico – e assim se explicaria o não ser muito raro entre artistas. Narcisismo, donjuanismo, hermafroditismo psicológico são termos pesados demais para se denunciar através deles certas inclinações da poesia de Florbela. No narcisismo de Florbela há uma elegância que impressiona pela feminilidade, às vezes, ela se não encanta consigo mesma senão para atrair o amado; ou como para valorizar aos olhos dele a dádiva de si. Nesse poema analisado de Florbela Espanca o narcisismo está no fato de o eu lírico buscar no olhar do outro uma forma de se conhecer. O olhar do outro é o espelho em que se revela o Eu que ela busca encontrar. (1982: 11-12)

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou! (Espanca, 1996: 133)

A forte presença do Eu, um Eu categórico, que sabe quem é, sem conjeturas, e a incidência de termos significativamente negativos, são as principais peculiaridades deste poema. Com esses elementos marcantes o eu lírico busca traçar um retrato negativo de si mesma.

A descrição que o eu lírico promove de si tem início no primeiro verso da primeira estrofe. Para essa tarefa, utiliza-se da construção anafórica no primeiro quarteto e no primeiro terceto, com a repetição quase monótona dos versos com alguma variação no complemento da frase: “Eu sou a que no mundo anda perdida / Eu sou a que na vida não tem norte”. Nos versos seguintes dessa mesma estrofe e nos da terceira, o sujeito –Eu– torna-se elíptico, ocultando-se no verbo em primeira pessoa, mas nem por isso deixa de mostrar-se pela flexão verbal. A composição formal do poema como um todo é fator determinante para se instalar e comprovar as características descritivas que o eu lírico se autodesigna. Na segunda estrofe, o aspecto sonoro das palavras que a compõe, –sibilantes, oclusivas surdas e sonoras, nasais, e a presença da vogal aguda /i/ –“Sombra de névoa tênue e esvaecida / E que o destino amargo triste e forte,”– reforçam a idéia negativa que vai delinear um perfil etéreo, imaterial, incorpóreo do eu lírico. Entretanto, esse perfil está subjugado à força do destino que não é nada amigável, pelo contrário, a crueldade, a brutalidade são as principais características dessa força, pois a impelem para a morte. A idéia de imaterialidade e de negatividade, ou mesmo, de isolamento, é ainda reforçada pelas metáforas do primeiro e terceiro versos –“Sombra de névoa tênue e esvaecida”– “Alma de luto sempre incompreendida”. O eu lírico vê-se, então, como um ser cuja característica é a fragilidade, pois além de ser sombra é também névoa ainda tênue, e sente-se isolada do mundo em sua volta por saber-se incompreendida além do que, é uma alma, ou seja, destituída da materialidade do corpo.

Ao mostrar-se de forma bastante explícita, o eu lírico revela seus sentimentos mais íntimos: o aspecto doloroso de sua vida, o não ter rumo, a sua vulnerabilidade. Na terceira estrofe, percebe-se nos paradoxos uma exposição de sua invisibilidade e de sua incapacidade de identificar, como também de demonstrar seus sentimentos e o sentir-se incompreendida.

Desde o início, ao mesmo tempo em que traça o seu perfil, o eu lírico vê-se como alguém insignificante, deslocada no mundo, sem espaço e sem direção. A metáfora “sou a irmã do Sonho”, sugere uma proximidade com o que não é real –o sonho– e isto confere ao Eu uma disposição ao etéreo, à imaginação, à fantasia que, por sua vez, apresenta como resultado a dor, o sofrimento, por isso “sou a crucificada... a dolorida...”. O parentesco próximo com o Sonho é relevante uma vez que a palavra está escrita em letra maiúscula, revelando uma herança do Simbolismo. No mundo real o eu lírico vê-se sem direção, sem espaço, sente-se deslocada. Logo, buscar o mundo

da imaginação, da fantasia, do sonho pode ser uma saída para resolver seu problema de deslocamento, de desnorteamento. Mas o mundo em que ela vive é real e, como tal, causa-lhe dor e sofrimento. A atitude niilista diante da vida, diante do mundo real, a presença da morte como único fim plausível para seu destino podem ser de influência simbolista. Não raro o artista simbolista expressa através da poesia sua atitude perante a vida, para ele não há dor maior do que viver. A preocupação com o mistério da vida, a inutilidade do livre arbítrio, a iminência da morte na existência diária do homem, o abismo de nossas incompreensões são atitudes encontradas nos simbolistas e podem ser detectadas neste poema analisado. (Balabakian, 2000: 91)

A invisibilidade a que se propôs desde o início do poema é reforçada na última estrofe quando o eu lírico diz ser a visão que Alguém sonhou. O aparecimento de “Alguém” propicia a transformação do que é invisível, incorpóreo, em um ser de carne e osso, que fosse importante e significativo para alguém. O desfecho fatal da oportunidade que se vislumbra nessa estrofe ocorre no último verso “E que nunca na vida me encontrou”. Por conseguinte não há a menor chance de transformar o que é invisível, imaterial em corpo material que pode significar algo para alguém.

Autodefinir-se objetivamente torna-se uma tarefa árdua, complexa e quase impossível quando nos deparamos com a complexidade da composição do Eu. Como resultado tem-se a ambigüidade, a oscilação e a indefinição no perfil do sujeito.

Considerações finais

Nos poemas analisados neste artigo, a representação do eu é recoberta por uma aura de complexidade que não se deixa entrever. Definir o eu fica mais fácil se houver uma tentativa de buscar elementos para tal empresa na reconstrução do passado. Nele, há uma visibilidade, fomentada pela harmonia, pela tranqüilidade, e pela paz. Enquanto que o presente e o futuro revelam-se misteriosos, inquietos, nebulosos dificultando uma definição objetiva do Eu. Para responder à pergunta “Quem sou eu?” o eu lírico busca diferentes caminhos. Na tentativa de cumprir com essa empreitada torna-se válido, então, um passeio pela história, pelo mundo da imaginação e fantasia, promover o encontro com o Outro.

Referências bibliográficas

- Alonso, Cláudia P. 1997. *Imagens do eu na poesia de Florbela Espanca*. Temas portugueses. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 33.
- Balakian, Anna. 2000. *O simbolismo*. São Paulo, Perspectiva.
- Branco, Lúcia C. 2004. “As incuráveis feridas da natureza feminina”, em Branco, Lúcia C. e Brandão, Ruth S. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro, Lamparina, p. 112.
- Espanca, Florbela. 1996. *Poemas*. Dal Farra, Maria Lúcia (Estudo introdutório, organização e notas). São Paulo, Martins Fontes.
- Régio, José. 1982. “Estudo crítico”, em *Sonetos*. São Paulo, Difel.

CV

MARLY CATARINA SOARES POSSUI DOUTORADO EM LITERATURA PELA UFSC (2008). ATUALMENTE É PROFESSOR ADJUNTO DA UEPG, NO PARANÁ, BRASIL, NO CURSO DE LETRAS E NO PROGRAMA DE MESTRADO LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE. TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE LITERATURA, COM ÊNFASE EM POESIA, ATUANDO PRINCIPALMENTE NOS SEGUINTE TEMAS: ESTUDOS LITERÁRIOS, LITERATURA BRASILEIRA, TEORIA LITERARIA, LITERATURA E MULHER COM PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS.